

ESPORTE, PÓS-COLONIALISMO, NEOCOLONIALISMO:

UM DEBATE A PARTIR DE FINTAR O DESTINO (1998)¹

DR. VICTOR ANDRADE DE MELO

Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-Doutorado em História Social pela Universidade Federal Fluminense, Coordenador do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer (Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil)
E-mail: victor.a.melo@uol.com.br

MS. CORIOLANO PEREIRA DA ROCHA JUNIOR

Professor da Universidade Federal da Bahia (Salvador – Bahia – Brasil)
E-mail: coriolanojunior@uol.com.br

RESUMO

A partir do diálogo com o filme Fintar o destino (Fernando Vendrell, 1998), considerado como um mapa que descortinou importantes questões do cotidiano caboverdiano, esse artigo tem por objetivo discutir duas ocorrências contemporâneas do âmbito esportivo: a) a relação de ex-colônias com os antigos colonizadores; b) a migração de atletas de países economicamente menos desenvolvidos para determinados centros, especialmente do mercado europeu. Argumentamos que essa discussão permite-nos sintonizar a interpretação do esporte com alguns debates relacionados ao pós-colonialismo, especialmente no que se refere a posicionamentos neocolonialistas.

PALAVRAS-CHAVE: História do esporte; Cabo Verde; cotidiano; pós-colonialismo.

1. Esse trabalho recebeu auxílio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Edital 18/2007/CPLP/CNPq, Edital 13/2008/CPLP/CNPq, Bolsa de Produtividade em Pesquisa) e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Edital Apoio a Grupos Emergentes/2008 e Edital Jovem Cientista do Nosso Estado/2008).

INTRODUÇÃO

Mané é o dono de um botequim na cidade de Mindelo (Ilha de São Vicente/Cabo Verde). Na juventude foi um bom jogador de futebol, de uma das mais tradicionais equipes do arquipélago, o Mindelense. Foi um grande goleiro, pelo menos isso dizem os poucos amigos que ainda lembram-se do seu passado glorioso, entre os quais Toy, seu empregado, admirador e, como ele, ardoroso “benfiquista”.²

Nos dias de jogo, o estabelecimento de Mané enche de ardorosos torcedores do Benfica. O futebol é parte constituinte do cotidiano local, discutido e praticado nas ruas, praias, campos de terra. Com avidez são acompanhadas as notícias que chegam pelo rádio e pelos jornais, para poucos pela televisão.

No momento em que estava no auge de sua história, o Benfica fizera a Mané um convite para atuar em Lisboa, a oportunidade de realizar o sonho de tantos em Cabo Verde. A vida, contudo, lhe pregou algumas peças. Motivos diversos, entre os quais a namorada grávida (sua atual esposa, Lucy), o impediram de concretizar o seu desejo, ao contrário do amigo Américo que, também convidado pela equipe lisboeta, foi em busca da felicidade em terras europeias.

Nunca mais se soube de Américo, mas certamente, muitos imaginam, estará bem de vida, ao contrário de Mané, que enfrenta as dificuldades do país. O ex-goleiro sempre defende o velho amigo daqueles que desconfiam de sua trajetória, como Djack, frequentador contumaz do botequim, crítico das representações construídas pelo personagem central. Luiz, outro *habitué*, ao contrário, é a imagem do equilíbrio, o exemplo de quem saiu do arquipélago, estudou em Lisboa, prosperou e pode informar ao protagonista algo dessa experiência.

Mané vive insatisfeito, uma história marcada por enorme saudade do que não chegou a viver. Só lhe entusiasma o campeonato português de futebol, que acompanha com fervor quase religioso, e a esperança de que Kalu, jovem que é por ele treinado em uma equipe local, possa se destacar no exterior. São constantes os conflitos familiares. Lucy lhe acusa: “Gastas tudo com a mania do futebol”. Mané retruca: “Não fui para o Benfica por tua causa. E tu queres estragar tudo outra vez!”. Uma decisão, todavia, vai mudar a amargurada trajetória do herói. De novo Lisboa será o porto onde seus sonhos vão atracar. Por lá ele confrontar-se-á com seu passado.

Essa é, em linhas gerais, a trama de *Fintar o destino* (1998), filme dirigido, produzido e roteirizado por Fernando Vendrell.³ De um lado, a trama tem similaridades com outras películas e aborda um tema universal: um personagem central

2. Torcedor do Sport Lisboa e Benfica, mais conhecido como Benfica, um dos mais populares clubes de Portugal.

3. Mais informações sobre a ficha técnica, disponíveis em: <<http://www.david-golias.com/>> e <<http://www.imdb.com/title/tt0119122/>>. Acesso em: 8 ago. 2010.

que, por não ter resolvido suas questões do passado, não consegue viver bem o seu presente. Será necessário o herói fazer uma viagem por sua história para conseguir sua redenção.

O filme toca também em uma questão que cerca a vida de muitos indivíduos espalhados pelo planeta: o espaço especial que ocupa o futebol como sede de sonhos, possibilidade de afirmação, alternativa de ascensão social. O próprio título é uma feliz referência ao que espera um sem número de crianças e jovens em situação de risco, ao se envolver com o esporte, ainda que saibamos que poucos realmente logram conseguir tal feito: fintar o destino.

De outro lado, há na película questões bem locais. A trajetória decadente do personagem central tem semelhanças com a própria história de Mindelo, a capital de São Vicente: ambos outrora foram gloriosos e pujantes, mas nos dias de hoje não passam de um espectro do que foram, pelo menos nas representações mais comuns ao seu redor construídas. Como se libertar dessa sensação e perspectivar outro futuro?

De fato, mesmo que não diretamente, o filme também toca em temas locais de natureza política e econômica. Até quanto a independência resolveu os problemas dos caboverdianos? Cabo Verde é realmente independente, ou ainda mantém grande dependência com a antiga metrópole e/ou com um mundo globalizado, cujas lendas de sucesso chegam pelas ondas de televisão e rádio, pela internet, pelas páginas dos jornais?

Fintar o destino, assim, ao mesmo tempo em que é fortemente ancorado no local, ecoa questões globais, ligadas tanto às epopeias humanas, quanto às tensões de um mundo globalizado. A cena de abertura já explicita a condição “glocal” do objeto central: o futebol⁴. Um menino marca com cal as linhas de um campo no belo e árido solo vulcânico de Mindelo. As dimensões e o formato são os adotados internacionalmente, mas a falta de grama e a simplicidade em nada lembram os mais belos estádios do mundo.

A partir do diálogo com *Fintar o destino*, tendo Cabo Verde como foco central de investigação, esse artigo tem por objetivo discutir duas ocorrências contemporâneas do âmbito esportivo: a) a relação de ex-colônias com os antigos colonizadores; no caso caboverdiano, isso ganha um caráter peculiar já que, durante décadas, a construção identitária majoritária não se deu a partir da ideia de ruptura com Portugal, mas sim na sintonia com a, na época, metrópole, algo que só se interrompeu parcialmente no período pós-independência (1975);⁵ b) a migração de

4. Para uma discussão sobre o caráter “glocal” do esporte, ver Giulianotti (2005).

5. Para mais informações sobre as construções identitárias caboverdianas, ver Fernandes (2006). Para mais informações sobre o esporte em Cabo Verde, ver Melo (2011).

atletas de países economicamente menos desenvolvidos para determinados centros, especialmente do mercado europeu; no caso do arquipélago, essa questão toca ainda em outra dimensão muito relevante na sua história, a diáspora.

Argumentamos que essa discussão permite-nos sintonizar a interpretação do esporte com alguns dos debates relacionados ao pós-colonialismo, especialmente no que se refere a posicionamentos neocolonialistas⁶. Ressaltamos que, segundo Bale e Cronin (2003, p.5):

A despeito da vasta literatura que acompanha e tem analisado o pós-colonialismo, há pouco que foca o espaço do esporte no pós-colonial [...]. A ausência do esporte, uma das mais globalizadas e compartilhadas formas de atividade humana, é uma lacuna [...]. Esporte e práticas corporais oferecem um potencial veículo produtivo para considerar o pós-colonialismo.

Nesse estudo, o filme não foi a única fonte utilizada, nem, obviamente, encarada como a “verdade” sobre o que ocorre no arquipélago. Trata-se de uma obra de ficção, um olhar sobre a realidade caboverdiana, lançado inclusive por alguém de fora do país, um cineasta português. De qualquer forma, as películas, mesmo os documentários, devem ser sempre encaradas como uma representação.⁷

No nosso caso, o filme foi utilizado mais como um guia, um elemento provocador para que discutíssemos os temas elencados (que, aliás, da película emergiram), dialogando com outras investigações, outras fontes, outros olhares. *Fintar o destino* foi nosso mapa, o responsável por apresentar um norte para descortinarmos algumas peculiaridades da contemporaneidade do arquipélago, inserido no cenário mundial, tendo o esporte como elemento central de debate, especialmente o futebol, a mais globalizada das modalidades.

NEOCOLONIALISMO? A VINCULAÇÃO AO FUTEBOL PORTUGUÊS

Segundo Darby (2006), nas antigas colônias portuguesas na África pode-se perceber um relacionamento mais forte dos torcedores com os clubes de Portugal do que com as agremiações de cada país. Borges (2010) confirma esse fato em Cabo

6. Não estamos considerando o pós-colonialismo apenas como o período histórico posterior às experiências coloniais, mas também como um olhar teórico que questiona as certezas eurocêntricas e busca descortinar as posturas ativas dos colonizados no processo de tensões sociais que caracteriza as relações coloniais (inclusive sua continuidade em período pós-independência). O neocolonialismo deve ser considerado como a manutenção ou retomada de uma relação hierárquica entre países, reproduzindo, em um momento pós-colonial, práticas típicas do período colonial. Para mais informações, ver Young (2001).

7. Para mais informações, ver Melo (2006).

Verde, que ainda tem outra curiosa ocorrência: clubes locais que se apresentam como filiais de agremiações da ex-metrópole.

Podemos ver em *Fintar o destino* uma representação dessa ligação com Portugal. Vendrell, aliás, informa que teve a ideia de fazer o filme quando, estando no arquipélago, acompanhou a final do Campeonato Português de Futebol. O grau de mobilização local chamou sua atenção. Posteriormente outros dados o motivaram ainda mais, como o fato de ser *A Bola*⁸, um jornal esportivo de Lisboa, o mais vendido no arquipélago⁹. Além disso, descobrira que há muitas histórias de moradores que tiveram como projeto de vida jogar na Europa.

No filme salta aos olhos não só a enorme paixão dos caboverdianos pelo futebol português, como também a desvalorização do personagem central pelo fato de não ter ido jogar em Lisboa. A trama, aliás, só se resolve quando Mané vai a Portugal, para ver a final do campeonato de futebol e supostamente fazer contatos para Kalu jogar no Benfica. É nesse momento que toma consciência das ilusões que cercam esse sonho europeu.

No aeroporto de Lisboa, sente-se só enquanto seu filho Alberto, que por lá vive há 12 anos, não chega para buscá-lo. Vários caboverdianos recolhem encomendas que trouxera do arquipélago. O primo de Toy pega com ele uma garrafa de grogue, a bebida típica do país, e sacramenta: “o meu primo quer embebedar-me de saudades”. Dá-se conta de que é, mesmo que parcialmente, um migrante, o que não fora no passado, mesmo que desejasse ser.

Na casa de Alberto, sente-se desconfortável e sequer pode contar com a companhia do velho esporte: o filho não gosta de futebol, traumatizado por ter sido por ele abandonado pelo pai. Mané toma contato com a dura realidade da cidade grande. Tem dificuldades de se localizar. Não consegue comprar bilhetes para a final do campeonato. No Estádio da Luz (por muitos, chamado de “A Catedral”), sede do Benfica, tenta falar com o treinador e com o presidente do clube, usando sua história como argumento; o máximo que consegue é ir até o gramado. No “templo sagrado” ainda imagina o seu suposto passado glorioso.

O pior está por vir. Depois de várias tentativas, reencontra Américo, numa casa caindo aos pedaços, numa região pobre das redondezas de Lisboa. Mané percebe a desreferencialização do velho amigo:

8. *A Bola*, publicado há 65 anos, é um dos principais periódicos esportivos do mundo. Segundo sua redação, é o segundo mais acessado jornal *on line* de língua portuguesa do mundo (somente atrás de *O Globo*, do Rio de Janeiro); é o sétimo mais acessado entre os diários esportivos mundiais.

9. Não surpreende que uma das cenas iniciais do filme faça referência a esse fato. Toy, trajado com uma “camisola” do Benfica, enfrenta um tumulto em uma banca de jornal para conseguir um exemplar de *A Bola*, para com Mané ler as notícias do esporte português.

— Estás longe da terra (Américo)

— Como tu! (Mané)

— Eu já não tenho terra! (Américo)

Américo fracassou, ao contrário do imaginara; tudo não passou de uma ilusão:

— Não imaginas o que foi minha vida. Aquela mesma mãozinha que me recebeu, quando envelheci, abriu-me a porta da rua (Américo)

— Mas, e o Benfica? (Mané)

— Benfica, não deu em nada. Um gajo embirrou comigo e nunca mais me deixou jogar. Joguei em clubinhos, nunca ganhei nada. (Américo)

Relembrem o passado, e a frase de Américo encerra definitivamente o sonho: “Graças a Deus tu estás bem de vida”. Ao fim, ainda pede uns trocados a Mané que, desolado, volta à casa do filho, onde ainda enfrentará um duro diálogo familiar e saberá que a festa de aniversário do neto será realizada no mesmo dia do jogo final. Ao fim, sequer consegue entrar no estádio, pois fora enganado por um cambista, tendo que se conformar em assistir a partida na rua, em meio aos excluídos, em frente a uma televisão que se encontra dentro de uma vitrine.

Ainda assim, Mané volta a Cabo Verde como herói, afinal teria assistido *in loco* ao jogo decisivo, algo lembrado pelos amigos que acompanharam a mesma partida pelo rádio do botequim, liderados pelos orgulhosos Toy e Lucy. Mané nunca contará a verdade, sabe que será valorizado por ter ido ao estádio. O exterior continuará sendo a grande referência de realização, mesmo que não passe de uma idealização.

Poder-se-ia ver essa grande valorização do futebol português como o estabelecimento de vínculos neocoloniais? No blog “Café Margoso”, de João Branco, vemos um interessante debate ligado a essa questão¹⁰. O autor lembra que, quando chegou a Cabo Verde, em outubro de 1992, em uma tarde de sábado, as ruas de São Vicente estavam vazias: grande parte da população estava, pela televisão ou pelo rádio, acompanhando uma final entre duas equipes rivais de Lisboa.

Recorda também que, quando a seleção caboverdiana foi campeã da Taça Amílcar Cabral, no ano de 2000¹¹, “uma grande festa tomou conta da cidade de

10. Disponível em: <http://cafemargoso.blogspot.com/2010/05/declaracao-cafeana_11.html>. Acesso em: 15 jul. 2010.

11. A Taça Amílcar Cabral foi disputada, por seleções nacionais dos países ligados à zona 2 do Conselho Superior do Desporto da África, anualmente entre 1979 e 1989, passando a ser bienal até 1997.

Mindelô”. Contudo, relembra, já que no mesmo dia o *Sporting* tinha se sagrado campeão nacional de Portugal (quebrando um longo jejum de títulos):

O povo saiu à rua. Quem visse concluiria que a seleção caboverdiana equipava de verde e tinha o leão como o símbolo maior, porque era essa a cor e a figura dominante na grande festa popular [...]. A festa foi muito mais verde que azul. A verdade é que houve mais rugidos de leão do que mordidas de tubarão (os selecionados crioulos tem a alcunha de tubarões azuis).

Esse *post* de Branco foi motivado por um artigo de Odair Rodrigues, “Benfica ou Seleção Nacional?”, publicado em 3 de maio de 2010, no sítio *Nhaterra*¹². Esse autor comenta as intensas festas populares que houve nas ruas de várias ilhas do arquipélago, motivadas pela conquista de um campeonato pelo Benfica, que conta com muitos adeptos em Cabo Verde. Segundo ele, é curioso que os jovens demonstrem tanto entusiasmo pela equipe lisboeta e tão pouco envolvimento com as agremiações locais:

É uma triste aculturação dos jovens caboverdianos. Temos um fanatismo doentio por equipes de um país que nos dominou durante séculos e que depois votou-nos ao esquecimento nos seus manuais de História. Grande parte dos jovens estudantes portugueses desconhece a localização de Cabo Verde num mapa-múndi. Depois de termos sido colonizados por Portugal, hoje muitos portugueses sabem da nossa existência porque há caboverdianos nas terras lusas. Enquanto isso, somos mais benfiquistas do que um lisboeta.

Uma das cenas do filme é representativa nesse sentido. Um português toma água no botequim de Mané; esse chega e lhe oferece um grogue, que “queima o peito” do cliente. Djack lhe pergunta algo “sério”: para que time torce. Quando o estranho informa que é adepto do Sporting, é geral o ar de reprovação. “Vocês levam isso de futebol muito a sério”, diz o estrangeiro. Mané discursa sobre seus compromissos com o Benfica. Em nenhum momento se fala de uma equipe local ou da seleção caboverdiana. Os caboverdianos da cena fazem questão de parecerem mais adeptos do que o português.

Para Rodrigues, o problema maior não é torcer por equipes estrangeiras, mas sim desprezar as caboverdianas. Isso teria relação com a atuação dos meios de comunicação locais, que valorizam demasiadamente o esporte português, chegando a chamar de “seleção nacional” a equipe representativa da ex-metrópole.

Depois de interrupção de 3 anos, foi retomada em 2000, 2001 e 2005. Retornaria em 2009, sendo adiada para 2010 e por fim cancelada. Senegal foi o país que obteve mais títulos (oito).

12. Disponível em: <http://www.nhaterra.com.cv/index.php?option=com_content&task=view&id=1722&Itemid=527>. Acesso em: 15 jul. 2010.

O fato é que a mídia parece mesmo ter sido, na história do arquipélago, um elemento importante no estabelecimento de uma forte relação dos caboverdianos com os clubes de Portugal. Lembra Oliveira (1998, p. 671) que, no processo de popularização do rádio, observável nas décadas de 1960 e 1970:

A emissora de fora que era a mais sintonizada era a Emissora Nacional de Portugal, não por sentimentos patrióticos, mas para seguir o campeonato de futebol português! (aliás, a nível popular o jornal português mais difundido em Cabo Verde era o desportivo *A Bola* de Lisboa). Posta em contato com a metrópole por meio da rádio a população caboverdiana dividiu-se não em apoios a partidos políticos, que isso era impossível, mas em apoio a diferentes clubes de futebol de Portugal. O povo dividiu-se em benfiquistas, sportinguistas, portistas etc. e isso continua até hoje.

João Branco não coaduna com parte das observações de Rodrigues. Para ele, “há que se olhar isto como um fenômeno sociológico abrangente sem complexos de qualquer espécie”. De acordo com seu olhar, as equipes de Portugal não são apenas clubes: “Fazem parte de uma herança cultural, tal como a língua portuguesa”¹³.

As posições que se seguem ao *post* são distintas. Alguns concordam com Rodrigues. O leitor que assina como “Pss” concorda que a falta de perspectivas para o esporte em Cabo Verde tem relação com a negligência dos meios de comunicação: “ao mesmo que enaltecem feitos de atletas de outros países ignoram por completo os feitos de nossos desportistas”. Para ele, a própria ideia de PALOPs (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) é uma forma prejudicial de enquadramento: “Africanos sim!!! SEMPRE. PALOPS soa mais a Repúblicas de Bananas, órfãos (coitaditos) da colonização que precisam que o Grande Benfica lhes dê uma alegria”.¹⁴

Outros, todavia, se alinham às posições de Branco. O leitor que assina como “argumentonio” crê que a vitória do Benfica é um “fenômeno nacional, da diáspora e da lusofonia”. Para ele, tenta-se complicar e confundir as coisas; em última instância, trata-se de uma festa popular. “Anônimo” caminha em sentido aproximado, afirmando: “Há coisas bem mais superiores que o colonizado ou o colonizador”¹⁵.

Particularmente, não cremos mesmo que seja possível afirmar linearmente que as relações com o futebol português possam ser consideradas como manifestações de neocolonialismo, ainda mais nos dias de hoje, nos quais os clubes europeus são formados por jogadores originários das mais diferentes nações.

13. Disponível em: <http://cafemargoso.blogspot.com/2010/05/declaracao-cafeana_11.html>. Acesso em: 15 jul. 2010.

14. Disponível em: <http://cafemargoso.blogspot.com/2010/05/declaracao-cafeana_11.html>. Acesso em: 15 jul. 2010.

15. Disponível em: <http://cafemargoso.blogspot.com/2010/05/declaracao-cafeana_11.html>. Acesso em: 15 jul. 2010.

No futebol, parece haver um duplo esquema de vinculação: a seleção nacional mobiliza a população (ainda que menos do que esperam alguns) e cria laços identitários; as agremiações locais não tanto. Sem negar outros aspectos, como a influência dos meios de comunicação e a força do poderio econômico constituído ao redor do esporte, talvez a explicação seja mesmo mais simples: quando o selecionado entra em campo, joga a nação; fora disso (ou para além disso), o público prefere mesmo o espetáculo de melhor qualidade, e nesse sentido é mais emocionante a competição de Portugal, como também a do Brasil, da Espanha, da Itália e de outros países.

Por que, então, acompanhar preferencialmente os jogos da antiga metrópole, e não de outros países? Por força do costume: há muitos anos acompanha-se esse campeonato, e todo bom torcedor sabe que um dos principais meios de propagação da afiliação a um clube, mesmo que não devamos dispensar a força da mídia, ainda é familiar, dos pais para os filhos.

NEOCOLONIALISMO? A MIGRAÇÃO DE ATLETAS

Outro curioso estabelecimento de vínculo com Portugal é por meio do elogio de atletas que, tendo algum grau de relação com Cabo Verde, competem pelas equipes representativas da ex-metrópole. Por exemplo, sempre se tece loas ao futebolista Nani e especialmente a Nelson Évora, medalha de ouro no salto triplo nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008). Mesmo que o triplista tenha nascido na Costa do Marfim, como seus pais são originários e como ele mesmo viveu no arquipélago, os jornais locais constantemente a ele se referem como “atleta de origem caboverdiana” ou “luso-caboverdiano”.

Sidónio Monteiro, na ocasião Ministro Adjunto da Juventude e dos Desportos, chegou a se pronunciar oficialmente por ocasião da vitória de Évora nos Jogos Olímpicos:¹⁶

O Governo de Cabo Verde, em nome de toda a comunidade nacional, felicita o jovem atleta Nelson Évora e aos “irmãos” portugueses pela conquista da medalha de ouro nos Olímpicos de Pequim [...]. É orgulho para todos os caboverdianos o feito de Nelson Évora. [...] os caboverdianos torceram e viveram as emoções do jovem atleta de origem caboverdiana que competiu pela bandeira portuguesa [...]. A nação caboverdiana encheu-se de orgulho e regozijo ao ver o nosso Nelson Évora saltar para o lugar mais alto do pódio olímpico, como se pela bandeira caboverdiana tivesse sido.

16. Jornal O Liberal, 22 de agosto de 2008. Disponível em: <<http://liberal.sapo.cv>>. Acesso em: 1 março 2009.

Outra matéria resume bem o sentido dessas vitórias para uma parte do país. Primeiro, a exaltação do fato de o atleta ser de origem caboverdiana e não poder competir pelas cores do arquipélago, algo que toca diretamente nos problemas gerais da nação:

Campeão olímpico, campeão mundial, Nelson Évora honra-nos. É fruto da nossa diáspora pelos caminhos da Terra: caboverdianos de origem ou descendentes vêm dando contributo para a afirmação dos países que os acolhem. Somos dos que gostaríamos que o Arquipélago tivesse condições para que os seus filhos não se dispersassem por *terra longi*: olhando só para o desporto, já alguém pensou que seleção de futebol poderíamos ter? Que atletas ergueriam bem alto a nossa bandeira? Que equipas de basquete teríamos? Que judocas, karatecas e lutadores nos trariam triunfos? Quantas vezes congeminações sobre isto e nos perguntamos: que país somos, que país podemos ser?¹⁷

Essa posição, contudo, não é só um lamento, mas também um alento, um estímulo para que o país possa progredir:

Confiamos que, vencendo dificuldades, ultrapassando obstáculos, cerrando os dentes, lutando, trabalhando, porfiando, seremos capazes de, em *djunta mon*, fazer deste pequeno país com alma grande uma realidade desenvolvida e moderna. Um dia isso será possível. Até lá vamos olhando o exemplo que a nossa diáspora nos dá: ela afirma-se e, com ela, aprendemos que somos tão bons ou melhores que os outros povos, que somos capazes de o demonstrar desde que tenhamos condições.

Por fim, o grande significado: a difusão de uma bela imagem do país. Isso é de tal ordem que o jornalista sente-se, inclusive, no direito de partilhar a conquista:

Neste momento, saudamos Nelson e somos solidários com seu pai que, hospitalizado, soube em Lisboa do triunfo do filho. E sorrimos ao pensar se a informação portuguesa, sempre lesta a identificar como caboverdiano um eventual responsável por algo de nefasto que no seu país aconteça, será capaz desta feita dizer aos seus leitores que o medalha de ouro português é, afinal, luso-caboverdiano. Em Cabo Verde também nos congratulamos com este ouro olímpico. Ele é, queiram ou não, um pouco nosso. E não só por afinidade.

Essa relação com atletas de “origem caboverdiana” se dá dessa forma, tanto porque uma das marcas da diáspora é o orgulho de quem partiu e venceu, quanto porque os atletas locais, competindo pelas cores do país, não obtêm significativos resultados internacionais, tendo que migrar e assumir a camisa de outras nações que lhes podem oferecer melhores condições de treinamento.

17. Jornal O Liberal, 21 de agosto de 2008. Disponível em: <<http://liberal.sapo.cv>>. Acesso em: 1 março 2009.

Essa é uma questão que merece ser discutida: a migração de jogadores africanos para a Europa. Em *Fintar o destino* isso é tratado na história de Américo, de Mané, mas também na relação deste com Kalu. De treinador, o protagonista passa a se apresentar como empresário, tudo para que seu velho sonho se transfira para seu pupilo. A diferença, contudo, é marcante: o desejo principal de Mané era prestígio, Kalu quer resolver financeiramente sua vida.

Mané tenta pregar para Kalu a necessidade de ser disciplinado, deixar de lado as noitadas, as mulheres, os desvios de comportamento; só assim terá sucesso em sua carreira no exterior. O jovem, contudo, não parece muito convencido dessa possibilidade e tem outros planos. Na praia, o diálogo com a namorada Erica é representativo. Ela diz que ele tem que mudar de vida, arranjar um trabalho melhor; Kalu responde que já está providenciando:

- Na equipe de Mané? (Erica)
- Não. Escrevi a um tio meu que está na América, para me mandar buscar (Kalu)
- O que vais lá fazer? (Erica)
- Qualquer coisa, preciso sair e conhecer o mundo (Kalu)
- Eu também. Para o ano vou para Lisboa estudar (Erica)
- Não sabia (Kalu)
- Essa terra está difícil (Erica)

Mané ainda tenta demover Kalu da ideia.

- Vais para Lisboa e é para o Benfica! (Mané)
- Mas eu queria ir para os *States* (Kalu)
- Para América?! Um lugar onde não jogam futebol? Deixa de coisas Kalu! (Mané)

Migração e diáspora são temas constantes na história de Cabo Verde. Tal a contundência do quadro, o governo possui programas de mapeamento, apoio e reinserção de emigrantes. Dados de Katia Cardoso (2004) indicam que, na ocasião, havia cerca de 300.000 caboverdianos/familiares nos Estados Unidos, 83.000 em Portugal, 25.000 na França, 16.000 na Holanda, 3.000 em Luxemburgo, além de comunidades na Suécia, Noruega, Alemanha e Bélgica, entre outros países (inclusive o Brasil). Informa o sítio oficial do governo de Cabo Verde:

A população residente no país é estimada em 434.263 habitantes, sendo uma população jovem com média de idade de 23 anos. A falta de recursos naturais e as escassas chuvas no arquipélago determinaram a partida de muitos caboverdianos para o estrangeiro. Atualmente a população caboverdiana emigrada é maior do que a que vive em Cabo Verde.¹⁸

No que se refere ao futebol, que tem a sua “diáspora própria”, antes, no quadro colonial, os jogadores africanos participavam diretamente das seleções europeias de futebol, como é o caso do grande moçambicano Eusébio. Nos dias de hoje, mais explicitamente, é o dinheiro dos clubes europeus que compra os atletas dos países em desenvolvimento, algo observável também com outros esportes e outros continentes, como, por exemplo, com a América do Sul¹⁹.

Bale (2004) informa que, em 2002, dos 311 atletas de 16 seleções da Copa da África, 193 jogavam na Europa (ou seja, 62%); as equipes de Camarões, Nigéria e Senegal eram quase integralmente formadas por jogadores que atuavam fora do país de origem. Em 1999, havia cerca de 890 africanos em clubes europeus. Portugal era um dos países que mais recebia futebolistas. Angola era o que mais enviava atletas, sendo que 93% para a antiga metrópole. Enquanto isso, o futebol da África não se desenvolvia na mesma medida²⁰.

Bale (2004, p. 237) é categórico; não há como negar que se trata de uma forma de neocolonialismo:

A sistematização do recrutamento, migração e trabalho dos jogadores africanos de futebol pode ser vista como uma forma de neocolonialismo [...]. Gostaria de ilustrar o neocolonialismo das migrações de jogadores africano por meio de três exemplos. O primeiro é a criação de “clubes fazendas” pelos megacлубes na África, o segundo é a exploração de jovens africanos recrutados na Europa, e o terceiro faz alusão ao papel de agentes no aproveitamento dos talentos esportivos africanos domiciliados em Europa.

Já Armstrong e Giulianotti (2004, p. 11) têm uma visão distinta, em certo sentido mais otimista:

O sistema internacional de futebol não é totalmente negativo para os jovens jogadores africanos. Para os poucos que conseguem, *status* social e segurança econômica seguem ao lado do prazer de jogar regularmente. Para muitos, é melhor ficar no Ocidente e trabalhar do que voltar a uma nação em grande declínio. Para os milhões que não conseguem ser selecionados, o futebol representa uma experiência de lazer agradável e um passatempo social saudável.

18. Disponível em: < <http://www.governo.cv/> > . Acesso em: 17 maio 2010.

19. Para maiores informações, ver os estudos de Alvito (2006) e Tiesler e Coelho (2006).

20. Para mais informações, ver também artigo de Poli (2006).

Podemos identificar algumas repercussões dessa questão em Cabo Verde. Jorge Tolentino, em fala proferida na Associação Cabo-Verdiana de Lisboa,²¹ afirma:

Permitam-me que aponte um aspecto, porventura lateral. Os resultados obtidos pelas equipes africanas na atual Copa do Mundo dizem-nos do muito que ainda há a fazer no nosso continente, em todos os domínios. Tendo sido Ministro dos Desportos, sei perfeitamente que esta é uma área preterida ou adiada nos orçamentos e planos de investimento. Mas o que aqui quero sublinhar é apenas isto: também neste domínio a África tem sido uma fonte de enriquecimento para muitas nações. Ou seja, a imigração tem contribuído largamente para a revitalização do desporto, e desde logo o futebol, em vários países de acolhimento.

Vejamos que tal olhar também se manifesta de forma irônica em matéria sobre uma visita do presidente da FIFA a Cabo Verde:²²

Aproveitando que o Joseph Blatter que esteve por essas bandas recentemente agora é um dos nossos, só tínhamos que convencer o homem a aprovar uma lei especial autorizando que, mesmo os atletas que já tenham representado as suas seleções nacionais, possam vestir dez estrelas ao peito²³. Que bonito, aí a profecia de Nho Puxim poderia mesmo se tornar realidade, e não é que ele quase acertou? Em ano de Mundial, Cabo Verde joga amanhã com Portugal, uma seleção que vai à Copa na Alemanha, nosso adversário naquela épica final. Nunca estivemos tão perto do Mundial, não é verdade?

Voltando à fala de Jorge Tolentino, ele vai direto ao ponto, demonstrando os problemas nacionais que estimulam essa fuga de talentos:

Nos nossos países, para além das deficiências de organização, infraestruturais e de uma defeituosa postura em relação ao desporto, tanto da parte do Estado quanto do lado dos cidadãos, a verdade ainda é que os craques que militam nas galáxias do futebol milionário não regressam à terra ainda a tempo de ajudar a imprimir o necessário entrosamento e uma dinâmica ganhadora às equipes nacionais. Sem esquecer que nem todos regressam.

Enfim, não há como negar as relações desiguais de poder entre os países do centro e da periferia: a “compra de matéria prima humana” pode certamente ser vista como uma ocorrência neocolonial (ainda que já não mais em um sentido linear colônia-colonizador). Isso obviamente traz prejuízos para o desenvolvimento do esporte local. De outro lado, esses novos heróis globais, agora também oriundos dos países periféricos, contribuem para colocar o nome dessas nações do panteão

21. Publicado em Visão News, em 30 de junho de 2006. Disponível em: <<http://www.visaonews.com>>. Acesso em: 17 out. 2007.

22. Publicada em Visão News, em 28 de maio de 2006. Disponível em: <<http://www.visaonews.com>>. Acesso em: 17 out. 2007.

23. Essa é uma referência à bandeira de Cabo Verde.

internacional, criando importantes elementos de construção de discursos identitários nacionais, ainda que por caminhos diversos aos que habitualmente costumamos considerar; notadamente naqueles países que, como o Brasil, obtém bons resultados internacionais²⁴.

CONCLUSÃO

Entre as competições internacionais, a Taça Amílcar Cabral é, para Cabo Verde, uma das principais referências, a “nossa copa do mundo”, como por vez e outra a ela se refere um jornalista. No ano de 2000, 25 anos depois da independência (1975) e quase 10 anos depois da adoção do multipartidarismo (1991), quando o país de novo sediava o evento (a 12^a edição, depois de ter organizado a 4^a edição), o selecionado nacional pela primeira vez venceu esse campeonato, com uma vitória contra a seleção do Senegal (1 x 0): o país inteiro comemoraria a sua maior conquista internacional.

É verdade que, aparentemente, tal comemoração fora, em certo sentido, “tumultuada” (ou ao menos minimizada), na opinião de alguns, pela vitória do Sporting no campeonato nacional da antiga metrópole. De qualquer forma, os “tubarões azuis” finalmente fizeram tremular no mais alto patamar de um evento internacional a bandeira do país.

Vejamos que, mesmo nesse momento de festa, os símbolos nacionais tiveram que dividir espaço com símbolos estrangeiros, de um clube português. Mas será que podemos dizer que as equipes da ex-metrópole são mesmo tão estrangeiras? Não teriam sido apreendidas e incorporadas à cultura popular local? Parece-nos que no mínimo devemos ter um pouco mais de cuidado e evitar análises lineares, que consideram a priori e exclusivamente esse tipo de relação como exemplo de neocolonialismo, obviamente sem negar que há claros vetores de poder ligados ao quadro político e econômico internacional.

Sobre o caso caboverdiano, uma pista interessante pode ser encontrada no estudo de Caniato (2002, p. 134). A autora identifica que, no que se refere à língua, em Cabo Verde coexistem o português e o crioulo. Em cada âmbito da vida cotidiana é mobilizado um desses idiomas:

Nas situações de diálogo, o caboverdiano (porteiros, contínuos, polícias, caixeiros, etc.) mantém o mesmo código do emissor. Os alunos falam português com os professores, mas com os colegas falam crioulo. Os jogos de futebol são relatados em português, o povo

24. Para uma discussão mais profunda sobre esses temas, ver Baker (1987) e Giulianotti (2010).

discute e comenta, no entanto, em crioulo. Enfim, existe em Cabo Verde o bilinguismo, duas línguas que, a partir de um determinado momento histórico, deixaram de estar em conflito ou tensão.

O português não é majoritariamente falado, não é a língua materna (como o crioulo), mas já não é mais exatamente somente de Portugal (mesmo que jamais deixe de ser), não é exatamente estrangeira (ainda que também o seja). Da mesma forma, talvez seja assim possível pensar dos clubes portugueses: estrangeiros e profundamente locais.

Sport, post-colonialism, neocolonialism: a dialogue as from *Fintar o Destino* (1998)

*ABSTRACT: From the dialogue with the film *Dribbling fate* (Fernando Vendrell, 1998), considered as a map unfolded important issues of cape verdeans daily lives, this article aims to discuss two contemporary instances of sports activities: a) the relationship of ex-colonies with the former colonizers, b) the migration of athletes from less economically developed countries for specific centers, especially the European market. We argue that this discussion allows us to set up dialogue between the interpretation of the sport and some discussions related to postcolonialism, above all in relation to neocolonialist positions.*

KEYWORDS: History of sports; Cape Verde; daily; postcolonialism.

Deporte, postcolonialismo, neocolonialismo: un diálogo a partir de *Fintar o Destino* (1998)

*RESUMEN: A partir del diálogo con la película *Fintar o destino* (Fernando Vendrell, 1998), considerada como un mapa que presentó importantes cuestiones del cotidiano caboverdiano, este artículo tiene por objetivo discutir dos ocurrencias contemporáneas del ámbito deportivo: a) la relación de ex-colonias con antiguos colonizadores; b) la migración de atletas de países menos desarrollados económicamente para ciertos centros, notadamente del mercado europeo. Sostenemos que esta discusión permite ajustar la interpretación del deporte con algunos debates relacionados al postcolonialismo, especialmente en lo que se refiere a posiciones neocolonialistas.*

PALABRAS-CLAVE: Historia del deporte; Cabo Verde; cotidiano; post-colonialismo.

REFERÊNCIAS

ALVITO, M. "A parte que te cabe nesse latifúndio": o futebol brasileiro e a globalização. *Análise Social*, Lisboa, v. 41, n. 179, p.451-474, 2006.

ARMSTRONG, G.; GIULIANOTTI, R. Fields and metaphors: an introduction to football in Africa. In: _____. (Ed.). *Football in Africa: conflict, conciliation and community*. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 1-26.

BAKER, W. J. Political games: the meaning of international sport for independent Africa. In: _____.; MANGAN, J. A. (Ed.). *Sport in Africa: essays in social history*. New York: African Publishing, 1987. p. 272-294.

BALE, J. Three geographies of African footballer migration: patterns, problems and postcoloniality. In: ARMSTRONG, G.; GIULIANOTTI, R. (Ed.). *Football in Africa: conflict, conciliation and community*. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 229-246.

BALE, J.; CRONIN, M. Introduction: sport and postcolonialism. In: _____. (Ed.). *Sport and postcolonialism*. New York: Berg, 2003. p. 1-14.

BORGES, F. Pontapé inicial: um estudo de caso do futebol no Cabo Verde Moderno. In: MELO, V. A.; BITTENCOURT, M.; NASCIMENTO, A. (Org.). *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 185-209.

CANIATO, B. J. Língua portuguesa e línguas crioulas nos países africanos. *Via Atlântica*, São Paulo, n.5, p.128-138, out. 2002.

CARDOSO, K. A. L. R. *Diáspora: a (décima) primeira ilha de Cabo Verde: a relação entre a emigração e a política externa cabo-verdiana*. 2004. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Estudos Africanos, Desenvolvimento Social e Econômico em África, Instituto Superior da Ciência do Trabalho e da Empresa, ISCTE, Lisboa, 2004.

DARBY, P. Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neo-colonial. *Análise Social*, Lisboa, v. 41, n.179, p.417-433, 2006.

FERNANDES, G. *Em busca da nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo*. Florianópolis: Ed. da UFSC: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.

GIULIANOTTI, R. *Sport: a critical sociology*. Cambridge: Polity, 2005.

_____. Os estudos do esporte no continente africano. In: MELO, V. A.; BITTENCOURT, M.; NASCIMENTO, A. (Org.). *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 5-35.

MELO, V. A. *Cinema e esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano: Faperj, 2006.

_____. *Jogos de identidade: o esporte em Cabo Verde*. Rio de Janeiro: Apicuri/CNPq, 2011.

OLIVEIRA, J. N. *A imprensa cabo-verdiana: 1820–1975*. Macau: Fundação Macau, 1998.

POLI, R. Migrations and trade of African football players: historic, geographical and cultural aspects. *Africa Spectrum*, Hamburgo, v. 41, n.3, p.393-414, 2006.

TIESLER, N. C.; COELHO, J. N. Introdução - o futebol globalizado: uma perspectiva luso-cêntrica. *Análise Social*, Lisboa, v. 41, n. 179, p.313-343, 2006.

YOUNG, R. J. C. *Postcolonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackwell, 2001.

Recebido: 03 set. 2009

Aprovado: 17 dez. 2010

Endereço para Correspondência:

Victor Andrade de Melo

Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de Filosofia
e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Largo de São Francisco nº 1, sala 311 (secretaria), Centro, Rio de Janeiro -
RJ - CEP 200051-070.